



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 3 • nº 37 • 03 a 09/12/2006 • ISSN 1809-6182

Resenha

23/11/2006 - Irã testa mísseis de longo alcance..... p.1

O Irã testou mísseis de longo alcance. Esses testes eram parte de um conjunto maior de exercícios militares planejados pelos iranianos. As manobras iranianas foram realizadas depois de uma série de exercícios militares que ocorreram na região, com a presença de tropas ocidentais.

Irã testa mísseis de longo alcance

Resenha
Segurança / Desenvolvimento

Luiz Fernando Neiva Liboreiro
23 de novembro de 2006

O Irã testou mísseis de longo alcance. Esses testes eram parte de um conjunto maior de exercícios militares planejados pelos iranianos. As manobras iranianas foram realizadas depois de uma série de exercícios militares que ocorreram na região, com a presença de tropas ocidentais.

O Irã realizou uma série de testes com mísseis de longo alcance no dia 2 de novembro de 2006. Esses testes marcaram o início dos exercícios militares iranianos que tiveram a duração de dez dias e situaram-se no Golfo Pérsico, no mar de Omã e em várias províncias do país. Batizados de Grande Profeta 2, os exercícios militares utilizaram-se de armamentos projetados, desenvolvidos e fabricados no país, segundo fontes governamentais iranianas.

As manobras iranianas começaram cerca de três dias depois de uma série de exercícios militares realizados por tropas ocidentais no Golfo Pérsico, lideradas pelos Estados Unidos da América (EUA), Reino Unido, França e Itália. Segundo uma agência de notícias do Iêmem, as tropas ocidentais treinaram para uma provável contenção do contrabando de materiais nucleares na região.

No mês de outubro de 2006, em meio a pressões internacionais para suspender os trabalhos de enriquecimento de urânio, o Irã anunciou a instalação de um segundo conjunto de centrífugas nucleares no sentido de dar continuidade ao seu programa nuclear. Esse segundo conjunto chega ao número de 164 centrífugas. Para se chegar a uma produção de combustível nuclear em escala industrial, seriam necessárias cerca de 3.000 máquinas desse

porte, segundo alguns especialistas. Porém, não se sabe ao certo qual o estágio de desenvolvimento do programa nuclear iraniano. Dessa forma, o tempo necessário para o país em questão atingir uma produção de combustível nuclear em escala industrial não pode ser precisado. Ainda não existem informações satisfatórias acerca do andamento do trabalho dos cientistas iranianos. Estes tanto podem estar enfrentando dificuldades técnicas como podem ter diminuído o ritmo do processo de enriquecimento de urânio, no sentido de esperar o desfecho das negociações, que se encontram paralisadas no presente momento [Ver: [Irã cede à pressão e propõe suspensão temporária do enriquecimento de urânio](#)].

Atualmente, estão sendo construídas quatro estações nucleares para dar sustentação ao programa nuclear iraniano. A estação de Bushehr está sendo construída com a ajuda russa, conforme o acordo assinado entre os dois países em 1992. Além da estação de Bushehr, outras estão em processo de construção: Isfahan, Natanz e Arak. A estação de Natanz é a que promove o enriquecimento de urânio efetivamente, enquanto que a de Isfahan trabalha com a conversão do urânio em outros três componentes, a saber, o gás hexafluorido, o óxido de urânio e um tipo

de metal. O primeiro é utilizado nas centrífugas de gás. Já o segundo, é usado como combustível para reatores nucleares. O metal é geralmente utilizado como o núcleo de artefatos explosivos nucleares. Uma das preocupações dos especialistas da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) é para qual finalidade esse componente está sendo utilizado, já que o Irã não possui reatores que necessitam desse metal como combustível. A estação de Arak trabalha com a chamada água pesada, utilizada para moderar a fissão nuclear ou para produzir plutônio, o qual pode ser utilizado para a feitura de um artefato explosivo nuclear. Por fim, a estação de Bushehr se encarregaria da geração de energia nuclear.

O processo de negociação acerca do programa nuclear iraniano tem tido um andamento lento nos últimos meses. Isso pode ser ilustrado pelo fato de os países que negociam com o Irã, grupo chamado de P-5+1, composto por EUA, França, Reino Unido, China e Rússia, membros permanentes do Conselho de Segurança (CS) da Organização das Nações Unidas (ONU), mais a Alemanha, deterem pontos de vistas divergentes sobre qual o curso de ação tomar frente ao programa nuclear iraniano.

A Rússia coopera com o programa nuclear iraniano, na medida em que fornece pessoal para a construção e combustível para o funcionamento do reator da usina de Bushehr. Os russos apoiariam certas sanções ao Irã, porém com a condição de que elas tenham um prazo limitado de vigência e que as mesmas poupem a cooperação entre os dois países na usina de Bushehr.

A mudança de discurso da França nos últimos meses pode desestruturar a unidade europeia sobre as sanções que poderiam ser aplicadas ao Irã. A França declarou a sua intenção de continuar fomentando o diálogo entre os países envolvidos nas negociações. Segundo o

Presidente francês, Jacques Chirac, a ameaça de sanções só faz com que o processo negociatório se torne mais complicado. Chirac ainda reiterou que as seis nações que negociam com o Irã devem renunciar às ameaças de sanções, e que, dessa forma, o governo iraniano também desistiria de levar o seu programa de enriquecimento de urânio adiante. O risco dessa posição da França, segundo alguns analistas, é que as potências mundiais envolvidas no processo podem ser vistas como fazendo mais e mais concessões, facilitando o acesso do Irã a tecnologias e mesmo a artefatos explosivos nucleares.

Os EUA não negociaram diretamente com o Irã, reforçando a sua posição de só aceitar o diálogo direto quando os iranianos suspenderem o seu processo de enriquecimento de urânio. Ainda, os EUA alertam que as sanções sofridas pela Coreia do Norte servem de exemplo para o Irã, segundo a Secretária de Estado estadunidense, Condoleezza Rice. Esta afirmou que o Irã, caso não suspenda o enriquecimento de urânio, sofrerá as mesmas conseqüências sofridas pela Coreia do Norte, sendo as principais os isolamentos diplomático e econômico.

O Irã, por sua vez, não dá indícios de que suspenderá o enriquecimento de urânio, pelo menos por enquanto. Assim, admite que só irá conversar com o governo dos EUA caso os mesmos mudem seu comportamento com relação a alguns países do Oriente Médio, principalmente no que tange as intervenções no Iraque e no Afeganistão. Além disso, os iranianos reafirmam o seu direito de possuir tecnologia nuclear bem como reiteram a natureza pacífica de seu programa nuclear.

Por um lado, os testes com os mísseis de longo alcance realizados pelo Irã podem reforçar sua posição no processo de negociação, visto que o país se mostra indisposto a ceder em seu projeto nuclear. Porém, de outro lado, a imagem desse

país, com a demonstração de seu poderio, pode se desgastar ainda mais frente ao restante do mundo. Podemos perceber que as longas conversações acerca do projeto nuclear iraniano parecem estar diminuindo a pressão internacional sobre o Irã. A posição da França é um exemplo bastante ilustrativo desse fato. A falta de unidade européia sobre a aplicação de sanções ao país em questão está comprometendo a dinâmica dos diálogos. Assim, qualquer medida no sentido de punir o governo iraniano provavelmente não será tomada sem um prolongamento das negociações, dada a aparente falta de unidade no discurso entre as maiores potências mundiais e a variedade dos interesses destas em jogo no presente momento.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Folha Online

<http://www.folhaonline.com.br>

CIA

<http://www.cia.gov/>

Reuters

<http://www.reuters.com>

Ver também:

31/08/2005 - [A pressão estadunidense sobre o programa nuclear iraniano](#)

26/06/2006 - [O programa nuclear do Irã](#)

27/08/2006 - [Conselho de Segurança mantém pressão sobre o programa nuclear do Irã](#)

14/09/2006 - [Irã cede à pressão e propõe suspensão temporária do enriquecimento de urânio](#)

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação-Geral: Prof. Javier Vadell

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Prof. Eugenio Diniz; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: André Lemos Klausing; Frederico de Faria e Silva; Jéssica Naime; Layla Dawood; Lígia Franco Mello; Luiz Fernando Liboreiro; Raphael Rezende Esteves; Tiago Cerqueira Lazier; Wesley Robert Pereira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Dom José Gaspar, 500 Prédio 04 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte - MG - CEP 30535-901 Tel: (31)3319-4257 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>